

MEMÓRIAS DO EXÍLIO - BRASIL 1964/1975

2.

## O OBJETIVO DÊSTE CONVITE É ...

Reunir memórias, documentos biográficos e reflexões de brasileiros que passaram pelo exílio durante os anos 1964-75.

Expressar as mudanças de mentalidade e de situação propiciadas pelo exílio.

Reduzir a dispersão de experiências acumuladas e que arriscam serem perdidas.

Produzir documentos de valor histórico.

Incorporar a experiência e o pensamento desta geração no exílio como parte positiva da vida do país.

## O OBJETIVO DÊSTE CONVITE NÃO É ...

Não é uma antologia de ensaios sobre o "modelo brasileiro"

Isto se faz em outras partes e não carece de tantos autores. O que se pede é uma auto-reflexão, um "balanço" individual.

Não é levantar dados sobre a "psicologia do exilado"

Não é a biografia por si mesma que interessa aqui. Que ela seja um ponto de apoio para memórias de valor social. O que se busca é o drama coletivo numa diversidade de testemunhos individuais.

Não é formular uma plataforma política

Opiniões políticas as mais divergentes serão acolhidas. Por suposto, os exilados alinham-se na oposição ao regime vigente no país. Mas esta oposição é variada, e, evidentemente, não se identifica à pequena parcela que foi banida ou que decidiu e pôde viajar.

Não é fornecer informações à polícia

Cada autor seja juiz das implicações do que escreve para a sua segurança pessoal. Use um pseudônimo, caso prefira. Selecione temas que lhe permitam expressar-se publicamente. Evite detalhes que possibilitem identificação pessoal, se for o caso. Os editores reservam-se o direito de cortar informações que possam trazer danos a terceiros.

## OS ASPECTOS FORMAIS:

Autores: A categoria de "exilado" não pode ser rigidamente definida. Usamos aqui a definição mais ampla possível: desde aqueles que foram forçados a deixar o país, até os que partiram voluntariamente com a consciência de que faziam uma recusa política, seja por um largo ou curto período.

Tamanho: Cerca de 15 páginas, não exceda 20. Os editores reservam-se o direito de cortes nos escritos excedendo 20 páginas.

Entrevistas: Os editores farão entrevistas com os que preferem falar a escrever. Entrevistas possibilitam uma espontaneidade dificilmente encontrada em textos escritos solitariamente.

3.

Compromisso Editorial: Os editores tratarão os textos como documentos que merecem respeito escrupuloso. Nenhuma modificação será introduzida sem a autorização dos autores.

Finanças: Os recursos para a produção e publicação das memórias provêm de fontes eclesíásticas e acadêmicas localizadas no exterior do país. O livro de receitas e custos está aberto para quaisquer interessados. Não antecipamos lucro de venda devido ao caráter extenso e documentário desta obra. Se lucros houver, eles serão oferecidos à "Anestesia Internacional" - esta é uma organização dedicada à defesa dos direitos humanos em todo o mundo, sem discriminações de ordem política ou ideológica.

Data Limite: Originais serão recebidos até 31 de Outubro, de 1975.

Encorajamos os autores a mandarem também documentos tais como: fragmentos de cartas recebidas ou enviadas, fragmentos de diários, crônicas sobre episódios marcantes, poemas, contos, anedotas, etc.

## O TEMA DAS MEMÓRIAS

A pergunta geral é: Qual o impacto do exílio em sua vida?

Alguns exemplos de temas relevantes:

O processo de politização: como e quando chegou à política? porque fases passou? quais as experiências fundamentais?

A partida: as últimas memórias do país - prisão, solidariedade? o que e quem deixou, para onde foi, com quem, por que lá?

No estrangeiro: a sobrevivência, o trabalho, a política no país de asilo, confrontos culturais?

Entre exilados: como vê o ambiente do exílio? Quais são os seus vícios, seus privilégios, seus becos sem saída, suas perspectivas? Vê dinâmica no exílio, ou é mais propício à estagnação? Quem mudou mais, os que ficaram ou os que saíram?

Rupturas: em carreira pessoal, projetos, regime de trabalho, padrões de comportamento (sexo, amizades, dinheiro), visão de mundo, política?

Brasil visto de longe: que imagens dominam sua visão do Brasil de antes de 1964? Que oportunidades foram perdidas? Que perspectivas vê para o futuro do país no caminho em que está posto?

Volta: vê possibilidades de integração no país de asilo? como coloca a questão da volta?

Exílio visto pelos que voltaram: de grande interesse ouvir os que voltaram sobre os custos, as mudanças, as oportunidades, etc, implicadas pela volta.

Estas são simples sugestões. Não se limite a elas, nem tampouco escreva sobre todas. Escolha um ou dois temas somente, para aproveitar bem o seu espaço. Seja o mais concreto que possível. Este não será um livro de teorização!

As páginas seguintes contêm fragmentos de algumas das memórias recebidas. São parágrafos fora de contexto. Mostram só umas pontinhas dos testemunhos riquíssimos que temos recebido. São meros exemplos do que procuramos. Estão ainda longe de representar toda a diversidade de experiências e perspectivas presentes no mundo do exílio. São oferecidos como um estímulo para que você também divulgue as suas memórias.

#### Abdias do Nascimento

Meu exílio é diferente. Não começou em 1968, nem em 1964, nem em momento nenhum dos meus sessenta anos de vida. Hoje, mais do que nunca, compreendo que nasci exilado, de pais que também nasceram no exílio, filhos de gente africana trazida à força para as Américas. ... Briguei por mil mapeiras pelo direito à integração de minha cor e de minha tradição na cultura brasileira. Mas em resposta recebi mil e um desdêns, humilhações, manipulações, incompreensões, violências. A experiência nos EUA ajudou-me a concluir que a procura da integração é uma perdição.

... Todas as tendências políticas discriminam o negro no Brasil. Os liberais paternalizam à distancia. A direita é abertamente racista. A esquerda é cega, surda e muda em relação aos problemas específicos do negro e despreza a sua tradição cultural. A esquerda, e sobretudo a marxista, está no fundo de acordo com o legalismo dos liberais que acreditam resolver os problemas com a declaração de que "todos são iguais perante a lei". A única diferença está em que os marxistas definem a legalidade em termos de classe. Para eles também, "todos são iguais perante a lei (do proletariado)", e ai! de quem quiser ser diferente ... E claro que não ignoro que todas estas correntes têm cheiros muito diferentes umas das outras, mas o fato é que em relação ao problema específico do negro, elas se combinam no esforço de destruir as raízes africanas e moldá-lo segundo padrões da cultura européia. Não tirei isto dos livros, não. Tenho muita estória para contar nestas memórias! ...

... Uma coisa sensacional aconteceu comigo nos EUA. Bloqueado pelo inglês, desenvolvi uma nova forma de comunicação. Ao invés de aprender a falar uma outra língua, descobri que podia pintar, e que pintando eu era capaz de mostrar o que palavras nenhum diria. É uma experiência difícil de explicar. O mais apropriado mesmo é dizer que os Orixás baixaram, e eu comecei a pintar, e desde então continuo a chamá-los pela pintura. ... O que mais importa em minha pintura é o mundo mental e a diferença cultural do negro que se sente africano mas que está nas Américas. Não advogo simplesmente que lembremos o nosso passado. Meus Orixás não estão imobilizados no tempo e no espaço. São forças do presente. Emergem na vida diária e em assuntos seculares. Os Orixás recebem nomes de pessoas vivas; assumem a defesa dos heróis e mártires que ainda hoje são oferecidos pela raça negra como sacrifício na busca da liberdade....

#### Alberto Dines

... Estou portanto entre os que foram exilados profissionalmente. A resistência à censura levou-me à prisão já em dezembro de 1968. Cinco anos mais tarde, a reviravolta na posição do governo em relação ao conflito no Oriente Médio ajuntou a gota que faltava para transbordar a taça. Já em 1968, havia recebido a pergunta provocadora do General Montagna durante o interrogatório policial: "Como é isto que um jornal católico como o JORNAL DO BRASIL é dirigido por um judeu?" Depois da guerra de outubro de 1973, seguida da crise do petróleo, a insinuação da pergunta foi transformada em pressão de força, e foi aceita pelo dono do jornal, o Sr. Nascimento Brito.

... Mas volto à censura para terminar com este assunto. É preciso não esquecer a mentalidade tacanha, policialesca dos responsáveis por este serviço. Todas as questões são abordadas por eles do ponto de vista de um possível crime contra a "ordem". Estão sempre procurando a mão escondida do "criminoso". Dou um exemplo. O JB decidiu comemorar o dia da mestra acompanhando uma beleza de uma professorinha de Ipanema que ia dar aulas em Jacarepaguá. Demos uma fotografia dela na primeira página, ela diante de uma classe de alfabetização. O tipo da coisa bonita que qualquer jornal norte-americano faria. A frase de leitura no quadro-negro dizia: "o nenen está solto", "o nenen está livre", ou algo assim. Pois tanto eu como os jornalistas responsáveis pela matéria tivemos de escutar uma tremenda catilinária do censor. Ele havia "percebido" que a foto seria na verdade uma mensagem secreta de guerrilheiros infiltrados no jornal. Porque acontece que existia um guerrilheiro apelidado "nenen" que havia, segundo o censor, fugido da prisão recentemente. Agora me digam, como é que se vai convencer a um censor que coincidências acontecem?

... Volto ao Brasil com a pergunta de como encontrar formas efetivas para manifestar o que tenho aprendido nestes últimos onze anos: que o liberalismo e a democracia não podem ser conquistados pela força das armas, que o aprendizado da democracia só pode ser feito dentro da própria democracia, que nenhuma ditadura é capaz de preparar a liberdade. ... Devo portanto fazer um auto-criticismo em relação ao apoio que dei ao golpe militar de 1964. Eu aceitei a "redentora" racionalizando-a como uma transição necessária. Foi um erro ...

José Barbosa

... Meus pais se casaram em 1928. Até 1948 tiveram onze filhos, mas só dois escaparam. Uma das meninas morreu com sete anos, por falta de medicamentos, e os outros morreram de fome antes de completar um ano de vida. ... Meus pais são analifabetos, não sabem nem escrever o nome. Meu pai, como os outros camponeses da região, vê a família como um meio de garantir o ganha-pão. Os filhos asseguraram a sua velhice. ... Eu fui à escola durante três meses, quando tinha sete anos. Foi tudo que fiz de escola oficial.

... Foi só em 59 que virei operário, quando já tinha vinte nove anos. Depois de quatro de trabalho na fábrica, já tinha quatro filhos, mas o salário não mudava. Resolvi então trabalhar de dia e estudar de noite, para ver se melhorava minha situação. Andava quatro a cinco quilômetros a pé para ir a uma escola que começava às 9 hs da noite e terminava às 11hs. Chegava em casa à meia-noite, e no outro dia tinha que me levantar às 5 da manhã para andar até o trabalho, porque não tinha dinheiro para pagar o ônibus. Tinha de fazer isto para arranzar um salário melhor. Foi graças a este estudo que consegui entrar na General Motors, mas aí houve o problema da greve.

... Dois meses depois que comeci a trabalhar na GM, em 1961, estourou uma greve geral. Eu estava num período de experiência, e não tinha nada pra reclamar. Mas como já tinha feito amizade com o pessoal, participei ativamente da greve. A partir do segundo dia, entrei no piquete de greve. Estávamos exigindo redução de horas de trabalho, problema de hora extra, insalubridade dentro da fábrica, e aumento de salário. ... A greve durou uns 9 dias, depois todo mundo voltou ao trabalho e eu fui posto no olho-da-rua. Foi durante a greve que tive oportunidade de conhecer o pessoal do sindicato, onde havia muitos que eram comunistas. Na época, comunista para mim era um perigo, mas eu vi logo que eram todos caras simples, que falavam a mesma linguagem que eu e que faziam muitas coisas boas. Durante a luta eles foram sempre amigos e camaradas. Foram muito solidários comigo quando fui expulso da fábrica. A partir deste momento, tanto o pessoal do sindicato como o do partido ganhou a minha simpatia, porque eram caras como eu, que trabalhavam na fábrica. Não eram "bichos de sete cabeças comedores de criança que a igreja dizia. Simplesmente, o que eles faziam de diferente, e a igreja não fazia, era ser solidário comigo na hora da minha necessidade. ... A partir de então eu me sindicalizei e passei a dar parte da minha contribuição (que antes ia para a igreja) para o sindicato. ...

THE MAD MONKS

by HENFIL



Henfil

... Mas que qui estava fazendo no centro dos Estados Unidos, entre casas mimosas, pastos lindos onde pastavam vacas que mais pareciam elefantes, no meio de louros enormes falando inglês, enfim, que qui estava fazendo no centro da terra prometida onde os rios são de leite (tipo A) êste subdesenvolvido filho de Nossa Senhora do Ribeirão das Neves? Nada não. Só tentando realizar o sonho de todo desenhista de quadrinhos do mundo: entrar para um sindicato distribuidor americano e assim penetrar nos jornais do mundo inteiro, inclusive nos do seu próprio país.

... Assinei o contrato. Você vai ficar rico, "Anrique"! (que é como eles conseguiam falar meu nome) E bota "Anrique" para trabalhar duro que tem que entregar 36 tiras e mais 4 coloridas para domingo. E bota nas ruas os fradinhos, agora com o nome frio de THE MAD MONKS. Bolei 72 tiras. Ganharia assim um mês de vantagem pra caprichar na próxima fornada.

... Recebi de volta 17 tiras "aprovadas" e 55 consideradas "invendáveis". Foi um choque quando li: "Estas tiras são muito sofisticadas ou ... sick" (olha! de novo! olha!). Fiquei sick da vida, meu irmão! Pô, as tiras sick eram tão limpas, tão calmas, tão timidas que eu não tive coragem de mandar nenhuma delas para o Pasquim. ... Pedi explicações. Desacatei. Uai! Tem censura? O editor, ofendíssimo, foi ríspido: "Não estamos censurando, estamos EDITANDO!" E sugeriu: "Faca coisas engravadas: Hahl! deixe as coisas positivas para depois, quando você for famoso. Mas tem que fazer coisas engravadas. Sem agressividade. Engravadas." Aí eu aprendi que em cada país o nome é diferente.

... E eu fico pensando. Assim como as empresas hoje (dirigidas por exilados?) são multi-nacionais e portanto não tem nem pai nem mãe, nem pátria, a arte estaria tendendo para ser multinacional. Ascética. Padrão standard, universal. Que possa entrar em cadeia com TV-Globo, TV-Tupi, CBS, BBC. Cartuns que possam entrar em cadeia com a King Features, Universal Press Syndicate. Para simplificar a comunicação, a linguagem falada nesta cadeia de arte multinacional deve ser o inglês. Para simplificar mais ainda, o "way of life" a prevalecer na mensagem multinacional deverá ser o americano. Câmbio? ... AEB Informa: desintegra-se da cadeia de arte multinacional, o humorista brasileiro Henfil, filho de Dona Maria da Conceição. Comigo não, violão!

(Transcrito de O Bicho, Ano I, n.2)

João

... a chegada do ato 5º veio a exigir uma reestruturação completa de nossa prática política, que até aquele momento era quase restrita ao plano estudantil. Foi nítido para mim, que vocábulos fáceis de serem verbalizados, como "luta armada", "guerra revolucionária", passavam a ter uma conotação completamente diferente. De repente, as mesmas palavras pesavam, assumiam um tom real. Os encontros de grupo, que se seguiram ao ato, não deixavam dúvidas de que o passo seguinte seria pegar nas armas, em vez das faixas e pedras. O choque foi violento. Senti intensamente que, ainda naquele momento, a responsabilidade sobre minha vida se encontrava nas minhas mãos! A transação com a morte passou a ser constante na minha cabeça. Tentei várias vezes trazer o problema à discussão tanto em nível de grupo, quanto individual. Era falar com o muro, aliás pior. Dentro daquela sala, ou com qualquer colega de luta, a resposta era sempre a mesma. Ter medo, ter dúvidas, ter vontade de viver, eram simpliçadamente taxadas de "vacilo pequeno-burguês", incompatíveis pro cara empenhado em superar suas contradições de classe. Acontece simplesmente que esse tipo de resposta bem logo se mostrou insatisfatória. Eu percebia a que das duas, uma: ou meus companheiros eram a materialização do herói revolucionário, ou mais possivelmente estavam fechados a se colocar verdadeiramente enquanto gente, de carne.

Foi um sufôco. Me vi totalmente isolado. Eu percebia que se eu me negasse a enfrentar minhas próprias dúvidas, naquele momento crucial, estaria abandonando a mim mesmo, permitindo que a história determinasse meu destino. Instinto de vida é coisa forte pra caralho. E lógico que este acabou prevalecendo - não obstante o conflito, o puta sentimento de culpa. Se ter gana de viver era pequeno-burguês, donde incompatível com o processo revolucionário, então ... a opção estava feita. Naquele momento de crise, de radicalização, não se apresentavam alternativas mais moderadas de luta, mesmo enquanto pequeno-burguês. Voltar às aulas, naquela Faculdade medíocre e arcaica, aceitar inerte as imposições daquela estrutura, me era impossível. Eu despiroquei de vez, tive a penosa "honra" de ser um dos precursores do desbunde que se seguiu meses depois.

Esta crise mudou minha vida completamente. Naquele momento de desespero e desconcerto me bateu uma louca vontade de ir embora do país, largar aquele sistema que não tinha nada a ver comigo, mas que em absoluto não era um "tigre de papel" ...

Betinho

... Comecei minha vida política em Belo Horizonte. Estava aí pelos 22, 23 anos. Até os 18, eu vivia uma semana são e três doente. A média contada era de uns 80% dos meus dias na cama.

Além da hemofilia, peguei uma tuberculose que me derrubou dos quinze aos dezoito anos. ... Então quando eu sarou e entro na Ação Católica, saio com uma puta vontade de tirar a diferença, uma fome imensa de me expandir e ir para frente. ... Foi realmente uma excelente preparação para uma atividade marcada pelo voluntarismo, pelo otimismo, como se a pessoa passasse vinte anos amarrada e de repente se soltasse. Foi o que de fato ocorreu, e então o cristianismo virou a revolução em todos os seus aspectos - na liderança de JEC, na conversão, entre os companheiros, os camaradas, os amigos. ... Mas paguei um preço altíssimo por esta mudança. De fato, eu articulei uma ligação entre cura e pureza. Pensei que se eu fosse puro espiritualmente ficaria curado da tuberculose. E a pureza, no fundo, era a repressão sexual. Era um processo diabólico, realmente contraditório. ...

... Decidi voltar do meu primeiro exílio, no Uruguai, em dezembro de 1964. Voltamos com a seguinte idéia: ... Hoje já não adianta mais ser governador, ou ex-governador, deputado, ou ex-deputado, dirigente sindical ou ex-dirigente sindical. No Brasil tudo isto já não existe, não tem sentido. O que existe é um comando militar que ocupa o país. A política tradicional, institucional, desapareceu. A única política viável é a das armas e da força. Com este modelo você volta, aí você tem o período de Ação Popular (AP) até 68: levar o movimento às ruas, promover o confronto para que a ditadura militar se desnascare e provoque a reação das massas, desembocando então na luta armada que derrubaria a ditadura militar. ...

... Estava nessa, já vivendo num bairro operário, e essa decisão de viver como operário e camponês tem origem na minha prisão de 66. Porque quando me vi diante da repressão, de poder ser levado a uma situação de muito risco e violência, de morte, pensei assim: "Vou morrer por que, por quem? Com quem estou me identificando? Com quem estou realmente identificado? O que eu faço com relação a estas classes? O que eu sinto, não o que penso, porque na hora de enfrentar a morte, o problema de enfrentar a morte não é o que você pensa mas o que você sente." Aí, respondi: "Sentir, não sinto nada, pensar eu penso tudo!" Na teoria dou minha vida à classe oprimida. Não dou um tostão da minha vida a quem me oprime. Mas nem um sentimento. Como é que é isso? Como isso funciona? Descobri então que havia que me identificar emocionalmente com a classe oprimida, experimentar a sua situação, para ter com que pagar quando o preço viesse a ser cobrado.

... Chego no Chile e vejo a condição onde as pessoas podem ser o que são abertamente. Durante uns 10 dias fico como um cara que vem de passar anos numa mina sem ver luz do sol, sem ver o ar, que de repente vê um lago iluminado, com flores, água. Fiquei embriagado. Sentava nas praças embriagado com o clima, com o povo. Sentava nos bares, andava, olhava gente. Como se eu dissesse assim: "Agora sou gente, né? Não tem esquadro da morte, nem CINEMA R não tem de entrar ou sair do ônibus olhando para ver se está sendo perseguido, entrando no taxi e ter que ficar calado, entrando num bar e não conversar com ninguém. Dez dias deslumbrantes! ...

Fernando Henrique Cardoso

Nasci em 18 de junho de 1931, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Cresci num ambiente de classe média tradicional, cercado de personagens de destaque na vida pública do país. Meu avô participou da abolição e da proclamação da república. Meu pai, que morreu general, foi ativo na política durante toda a sua vida. Nossa sala de jantar era costumadamente frequentada por deputados, governadores, ministros. Conversando em família sobre as visitas, estávamos normalmente discutindo política. Esta política de Estado, quase que confundida com um círculo de relações pessoais, era um pão nosso de cada dia. E como costumava acontecer para manter o equilíbrio, um setor da família tendia para um lado da política, e o outro tendia para o outro lado ...

... Éramos uma turma pedante na Faculdade de Filosofia da USP. Refiro-me aos anos 49, 50, 51. Éramos poucos alunos e muitos professores - bons professores, uma academia seleta. A aspiração a dominar o alemão para ler os originais era uma coisa normal. O francês era indispensável, pois havia vários professores que lecionavam em francês. O Roger Bastide, por exemplo, dava aula de sociologia. O Charles Morazé ensinava política. Havia um professor chamado Martial Quéroullet, do Collège de France, cuja presença compunha um quadro francamente surrealista. Era a maior autoridade mundial em Descartes, autor de um livro clássico no assunto. Peguei-o logo no primeiro ano, num curso sobre Kant. Deu também um curso sobre Descartes baseado no livro que estava escrevendo. Eu não entendia nada. Mas na faculdade de ciências sociais da USP não se passava do primeiro ao segundo ano se não se conhecesse bem o Discurso sobre o Método. Foi graças a Ollívio Teixeira, um ótimo explicador, que cheguei a entender e passar por Descartes. ...

... O Chile foi um centro de experiências inestimáveis. Era uma Meca de exilados, uma encruzilhada onde ramos os mais diversos da política latino-americana se confrontavam. ... A CEPAL era um laboratório de discussões permanentes. ... Figuras de peso, cujos nomes a gente reconhecia à distância, estavam ali - o Raul Prebisch, o Celso Furtado, o Aníbal Pinto, o Oswaldo Sunkel. ... O Celso dirigiu um seminário por vários meses que se transformou num foco de expansão de nossos horizontes intelectuais. ...

Márcio Moreira Alves

... Há rupturas de pensamento e rupturas de classe. Entre 64 e 68 eu viverei um processo de desligamento da minha própria classe. Havia abandonado - ou pelo menos pensava que havia abandonado - a minha classe para lutar pelos direitos do povo brasileiro, pela sua libertação. No exílio essa ruptura tornou-se muito maior. Não objetivamente, pelo fato de não estar mais em contato permanente com os membros da minha própria classe, contato que mantinha nas minhas relações diárias no Brasil, nas relações sociais, no trabalho, etc. Mas sim pelo fato de não termos mais o que dizer, quando algumas dessas pessoas por acaso apareciam e resolviam cometer o ato de benemerência e generosidade de procurar o velho conhecido com o qual haviam trabalhado ou estudado. Dentre os veranistas brasileiros que iam ao Chile havia alguns que me conheciam e procuravam manifestar o seu liberalismo, e também a sua coragem, batendo à porta da minha casa. E eu, pouco a pouco, verifiquei que a ruptura de classe era muito mais profunda do que havia imaginado porque era uma ruptura de linguagem. Nós não falávamos mais na mesma língua, as nossas categorias de pensamento não eram mais as mesmas. Não tínhamos mais nenhum ponto de interesse comum. Portanto, não tínhamos mais o que tratar. ...

Artur José Poerner

... Cumpre-nos romper, a todo custo, o isolamento que se nos tenta impor. É por isso que consagro, regular e disciplinadamente, duas horas diárias à leitura dos jornais brasileiros. É por isso, também, que li mais sobre o Brasil, nestes quatro anos e meio de exílio, do que em todo o resto da minha vida. ...

... O samba continua sendo - como não é difícil perceber - o principal catalizador das minhas saudades e o responsável pela esmagadora maioria dos meus calafrios nostálgicos. Expressão maior da arte de um povo, ele vem contribuindo para o estreitamento apesar da distância, dos laços que me unem aos seus cultores. Essa mesma distância me permite concluir que o povo, seu criador, ainda não prestou a devida atenção às palavras dos seus grandes poetas, como as expressas por Candeia, no seu "Dia de Graça":

Negro acorda  
E hora de acordar  
Não negue a raça  
Torne toda manhã  
Dia de graça  
Negro, não humilhe  
Nem se humilhe a ninguém  
Todas as raças já foram escravas também  
Deixa de ser rei só na folia  
Faça da sua Maria  
Uma rainha todos os dias ...

É assim que vejo resumidas as perspectivas de um Brasil melhor, o da volta dos exilados: num despertar coletivo. ...

Memórias do Exílio - Brasil 1964/1975

O exílio é parte da experiência brasileira na última década.

Líderes sindicais, políticos, acadêmicos, artistas, militares, estudantes - uma parcela significativa da vida nacional passou estes anos no estrangeiro. Alguns estiveram em Paris, Roma, Berkeley, New York; outros em Moscou, Praga, Varsóvia; e há os que viveram em Santiago de Chile, em Lima, em Havana; há gente que está na China, Argélia, Israel.

Como esta internacionalização de brasileiros afeta a sua visão de mundo?

Como esta experiência modifica a visão de Brasil dos exilados?

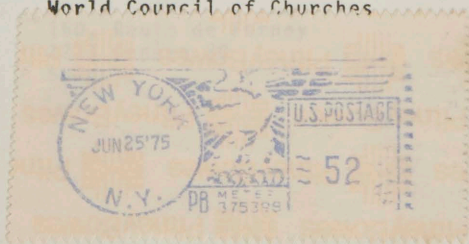
Que impacto terá o exílio sobre a cultura do país?

Perguntas como estas precisam ser respondidas, pois os brasileiros no exílio não estão fora mas sim dentro da história do Brasil contemporâneo.

Editores: Paulo Freire  
Abdias do Nascimento  
Nelson Werneck Sodré

Redatores: Marcos Arruda  
Pedro Celso Cavalcanti  
Jovelino Ramos

Memórias  
c/o Paulo Freire  
World Council of Churches



ESMERALDO  
38 Rue de la Marne  
93 Neuilly, Plaisance  
France

**AIR MAIL**